

O mais novo colega da sala de aula

Raimundo Paccó



Com os computadores do programa de informática, os alunos do Centro de Ensino Rodeador aprendem Português, Matemática, História e outras matérias de 1ª

Escola rural de Brazlândia é a primeira a receber os microcomputadores do Programa Nacional de Informática do governo federal

Philio Terzakis
Da equipe do **Correio**

Um dia chegou uma máquina estranha na escola. Dezenas de alunos se amontoaram na porta da secretaria para ver e tocar aquela coisa estranha que reproduzia textos e desenhos. Foi assim a chegada da primeira máquina fotocopadora — a popular *xerox* — no Centro de Ensino Rodeador, área rural de Brazlândia — cidade a 50 quilômetros do Plano Piloto.

Agora, os 680 alunos da escola rural estão às voltas com mais um mistério tecnológico. Dessa vez, trata-se de uma máquina que a maioria só havia visto na televisão. Novo rebuliço. Há um mês, eles ganharam um laboratório de informática com dez microcomputadores de última geração, kit multimídia e ligação com a Internet (rede mundial de computadores).

O Centro de Ensino Rodeador, que tem turmas do ensino especial à 8ª série, foi escolhido para o projeto-piloto do Programa Nacional de Informática do Ministério de Educação e Cultura (MEC). O programa prevê a distribuição de 100 mil microcomputadores em seis mil escolas de 1º e 2º graus de todo o país, em um prazo de dois anos. É um investimento de R\$ 480 milhões. Desse total, 46% serão destinados à capacitação de pessoal.

No Distrito Federal, 60 escolas serão equipadas. O MEC fornece o equipamento e a Secretaria de Educação é responsável pelas instalações e pelo treinamento dos profissionais.

Na escola de Brazlândia, o microcomputador é utilizado como um recurso pedagógico a mais. Ou seja, os alunos não têm aulas de computação para aprender a lidar com a máquina. O micro é utilizado para ensinar português, matemática, história e outras disciplinas a turmas de 20 estudantes de cada vez. Dois alunos para cada máquina. As aulas acontecem a partir da necessidade dos professores e das turmas.

Os filhos dos chacareiros da região representam a maior parte dos alunos do Centro de Ensino Rodeador. Eles vão para a escola de ônibus, bicicleta e a cavalo. Alguns andam léguas para chegar à sala de aula. Poucos já tinham visto e tocado em um microcomputador. Não é à toa que a chegada dos micros provocou tanto assombro.

INTERESSE

“Antes, eu só ficava olhando para os botões”, lembra Taline Maria Lopes Cristovão, oito anos, aluna da 2ª série. Hoje, ela mexe em tudo. “A primeira vez foi muito difícil”, conta Cássio Silva de Oliveira, oito anos, também da 2ª série. “Depois que a gente aprende, as contas é que ficam difíceis”, compara Vicente José de Farias Júnior, colega de classe de Cássio.

“O interesse deles é tanto que, nos recreios, a gente tem que trancar a porta do laboratório porque senão eles entram para mexer”, diz a diretora da escola, Dirlene Pimentel Ataíde Cardoso.

Na hora de mexer com os micros, a garotada atropela até o secretário de Educação, Antônio Ibañez. Cássio nem esperou o secretário entrar na sala ontem, para inaugurar o espaço. Passou na frente e aboletou-se na frente de uma das máquinas.

Para participar do Programa Nacional de Informática do MEC, o pasaporte das escolas é o projeto pedagógico. O Centro de Ensino Rodeador foi escolhido por causa dos projetos que desenvolve. A *Farmácia Verde*, por exemplo, é conhecida até em outros países: uma horta de ervas que abastece a farmácia da comunidade.

“Hoje, o computador é tão necessário quanto acabar com o turno da fome e pagar bem os professores. Tudo deve se desenvolver em conjunto”, afirma a coordenadora-geral do Programa Nacional de Informática do MEC, Maria Cândida Moraes.

CURIOSIDADE PARA TALINE E SEUS AMIGOS

Foi como um namoro. No começo, Taline Maria Lopes Cristovão, 8 anos, apenas olhou os botões. “Isso deve ser muito difícil”, pensou. Na segunda vez, pôde tocar o teclado, chegar perto da tela. Mudou de idéia e passou a achar a nova atividade escolar fácil. Depois das instruções iniciais da professora, está aprendendo o resto sozinha.

Taline nunca havia visto um microcomputador na vida real. Antes, só conhecia a máquina pela televisão. A garota mora em uma chácara “perto de Brazlândia, depois da ponte”, como ela mesmo explica. Filha de um pedreiro e uma dona de casa, Taline tem dois irmãos.

Para ela, a chegada do microcomputador foi um dos maiores acontecimentos de sua vida esco-

lar. “Até melhorei nos estudos. Os deveres ficaram mais fáceis porque, agora, minha mão não dói mais quando eu tenho que escrever”, justifica Taline, que estuda na 2ª série do Centro de Ensino Rodeador, em Brazlândia.

O laboratório de informática da escola também foi a primeira experiência de Cássio Silva de Oliveira, 8 anos, colega de classe de Taline, com o microcomputador. Cássio mora em Taguatinga, “por lá, em uma chácara”, diz. Não sabe onde estão os pais. Mora com a avó, que trabalha em uma plantação de morangos. Para ele, no início, foi difícil começar a mexer com o computador. “Só fiquei vendo. Agora, faço tudo”, garante.

Vicente José de Farias Júnior, oito anos, era mais experiente que os colegas da 2ª série. Brincava com jogos eletrônicos na casa do tio, antes mesmo do laboratório ser inaugurado. Na escola, aprendeu a escrever e fazer contas na telinha. “Mas prefiro os jogos”, diz, timidamente. (PT)

PERSONAGENS DA NOTÍCIA

Raimundo Paccó



Cássio Silva e Taline Maria